

Aspectos da diacronia de *saber* e de *saber de*

Carlos Rocha

St Antony's College (Universidade de Oxford)¹

Introdução

A regência preposicional de *saber*, isto é, *saber de*, tem um estatuto especial no contexto da categorização linguística do estado de conhecimento. Como é sabido, esta área é representada por vários lexemas, os quais correspondem a diferentes valores de perspectiva da cena do conhecimento. Entre estes lexemas estabelecem-se relações de semelhança (ou de sinonímia) e de contraste. Por exemplo, os valores de estado e de entrada nesse estado são comuns a *saber* e *conhecer*, que, no entanto, contrastam quanto à descrição semântica dos seus complementos e ao modo como perspectivam a relação do sujeito com o objecto de conhecimento.

Em termos de propriedades abstractas destes verbos (às quais nem sempre é alheia a reflexão metalinguística dos falantes), considera-se que *saber* é usado com complementos descritos com o traço [+abstracto], dando saliência às dimensões de intelectualidade e capacidade. *Conhecer* combina-se com nomes com os traços [+animado], [+humano] ou [+concreto].² Dentro do que seria de esperar, é possível dizer *sei o teorema de Pitágoras*, mas o mesmo já não se passa com **sei Pitágoras*. De modo simétrico, diz-se *conheço o João*, mas é com muitas reservas que se aceita *?conheço o número de telefone do João*.

No entanto, o contraste entre *saber* e *conhecer*, não se limita à complementaridade entre o carácter mais abstracto do primeiro por oposição ao carácter mais concreto do segundo; depende também de relações de contraste e equivalência entre as várias leituras polissémicas quer de um, quer de outro. Quer dizer que não se trata da oposição entre dois blocos (todas as estruturas e acepções de *saber* vs. as de *conhecer*), mas sim de (maiores ou menores) contrastes e semelhanças entre cada significação ou leitura de *saber* e cada significação ou leitura de *conhecer*.

¹ Foi possível realizar este trabalho graças à bolsa BD/11561/97 no âmbito do Programa Praxis XXI.

² Vilela (1994: 89) atribui a *saber* o traço [+abstracto], mas a *conhecer* não faz corresponder um traço discreto e bem definido, pelas razões que explica: "Enquanto o traço dominante do CD de *saber* é [+abstracto], pertencendo ao mundo do "discurso", reforçando o traço "intelectualidade", o objecto de *conhecer*, enfraquecendo o traço "intelectualidade" aponta, por força da preferência ou escolha exclusiva de "nome", para o "real" ou "vivido". (...) [Com *conhecer*] há um campo de possibilidades muito amplo, como seja o mundo das coisas nomeáveis pelo nome (coisas concretas e abstractas, coisas físicas ou mentais)".

A forma *saber de* ilustra bem a complexidade das relações lexicais, já que pode contrastar não só com *conhecer*, mas também com *saber* sem preposição. Esta comunicação tem, pois, por objectivo principal situar *saber de* dentro destes dois modos de representação do domínio da cognição. A perspectiva de descrição adoptada é sobretudo comparativa e diacrónica, confrontando *saber de* em português contemporâneo (PtgC) e *saber de* em português antigo (PtgA), de modo a realçar a historicidade da evolução semântica dentro de certos parâmetros da actividade linguística. A descrição e análise dos dados baseia-se na linguística cognitiva, embora recorra também à teoria dos campos lexicais ou semânticos, no intuito de evidenciar interacções entre a estrutura interna dos lexemas e as suas relações no plano onomasiológico.

A exposição estrutura-se em três secções: na primeira, referir-me-ei ao uso de *saber de* em português contemporâneo, com base em alguns dicionários e num *corpus*; na segunda, farei uma breve exposição dos principais aspectos da distribuição de *saber* e de *saber de* na Idade Média; na terceira secção, relacionarei a sinonímia dessas formas com a questão da sua transitividade.

1. *Saber de* no português contemporâneo

A existência da forma com regência preposicional nem sempre está reconhecida pelos dicionários de português. Por exemplo, Cândido de Figueiredo (*Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 15ª ed.) não lhe concede apartado próprio, embora inclua a expressão “saber da poda”, sem qualquer comentário sobre o uso da preposição. Outros dicionários, como Silva 1949/59 e Vilela 1990, reconhecem-lhe, porém, estatuto próprio, como a seguir se ilustra:

Silva 1949/59³

“**Saber de.** *loc. verb.* Ter conhecimento, notícia ou informação: ‘De repente desapareceu e ninguém *soube* mais *dele*...’ Rebelo da Silva, *Ódio Velho não Causa* [sic], I, cap. II, 155; ‘Botou editais na porta da igreja a dizer quem *soubesse de* sua filha lhe desse parte’, Camilo, *Memórias do Cárcere*, II, 80, 4ª ed., ‘*Sei de* toda a vida de seu pai e acompanhava os seus últimos passos’, Aloísio de Azevedo, *Girândola de Amores*, cap.2, 16; ‘Se os Portugueses da Idade Média não *sabiam de* seus avós lusitanos, acaso *saberiam de* seus avós, ítalos, romanos...?’, Oliveira Martins, *História de Portugal*, I, 1, I, 4. || Investigar acerca de, perguntar por: ‘... apareceu... *a saber do* doente que não via desde a véspera, em que até às duas horas da madrugada fizera quarto’, Sanches de Frias, *Ersília*, cap. 20, 374; ‘Agora vim *saber de* V. Exa. ...’ Rebelo da Silva, *De Noite Todos os Gatos são Pardos*, cap. 5, 113; ‘Eu que te digo isto, é porque me bacoreja no peito que este homem não vem cá sòmente para *saber da tua saúde*’, Camilo, *Onde Está a Felicidade*, 108.”

³ Ocorrências de *saber* em itálico no original.

Vilela 1990

"I. (...) [v. prep.] (pessoa) saber de coisa pessoa : (13) *Muito gosta de saber da vida dos outros!* (...) *Saber de* (frase 13) quer dizer CONHECER, ESTAR INFORMADO SOBRE (...)"⁴

É de salientar que Silva 1949/59 concede uma entrada própria a *saber de*, deixando supor que esta forma se encontra em homonímia com *saber*. Vilela 1990 inclui-a na entrada de *saber*, deixando por esclarecer se a forma preposicionada é um caso de polissemia (a par de outras acepções de *saber*) ou de homonímia (como no caso de *saber* = 'ter o sabor de', o qual se encontra na mesma entrada que *saber* = 'estar informado').

Da comparação de Silva 1949/59 com Vilela 1990, parece de destacar, em *saber de* por oposição a *saber* (sem preposição), a semântica dos respectivos complementos. Ao contrário de *saber*, que impõe fortes restrições à selecção de um complemento [+humano], *saber de* é compatível com tais complementos. Em Silva 1949/59, por exemplo, o complemento nominal de cinco das sete atestações pode ser interpretado como contendo esse traço.⁵

Estes dados deixariam supor que *saber de*, graças à sua compatibilidade com nomes [+humano], fosse sinónimo ou quase sinónimo de *conhecer*, também compatível com esse traço. Constatou-se que não se trata nada disso, quando se substituí *saber de* por *conhecer* nas atestações de Silva 1949/59, assim se obtendo os exemplos (1)-(5):

- (1) *De repente desapareceu e ninguém mais o conheceu
- (2) Botou editais na porta da igreja a dizer quem conhecesse sua filha lhedesse parte
- (3) Se os Portugueses da Idade Média não conheciam seus avós lusitanos, acaso conheceriam seus avós, ítalos, romanos?
- (4) *Apareceu a conhecer o doente que não via desde a véspera
- (5) ?Agora vim conhecer V. Exa

O resultado ou é inaceitável (exemplos (1), (4) e talvez (5)), por factores contextuais, ou é simplesmente diferente do sentido das atestações de Silva 1949/59 (exemplos (2) e (3)). Em (2) e (3), *conhecer* dá destaque à relação do respectivo sujeito com o objecto de conhecimento, perspectiva que é próxima (se não idêntica) do contacto (real ou metafórico) com esse objecto. Em Silva 1949/59, *saber de* alude à informação que o sujeito de *saber* tem acerca de alguma coisa ou alguém.⁶

⁴ Itálico e maiúsculas no original.

⁵ Neste trabalho, utilizam-se os termos "atributo" e "traço" como equivalentes do termo "attribute", usado por Taylor (1995: 60-61), no quadro da teoria dos protótipos. Trata-se não de um constructo teórico de natureza binária, mas sim de uma dimensão ou valor prototípicos: "Attributes are simply the dimensions along which different entities are regarded as similar" (Taylor 1995: 63).

⁶ A comparação de (2) com a atestação original (Silva 1949/59) parece confirmar este contraste. Já quanto a (3), esse confronto indica que o mesmo contraste se pode atenuar quase até à identificação.

Estas observações podem ser confirmadas pelos dados fornecidos pelo *corpus* de entrevistas em português contemporâneo de Nascimento *et al.* (1987). Assim, registam-se nesse *corpus* quatro ocorrências (0,1%) de *saber de* dentro do conjunto de 3707 ocorrências de *saber*.⁷ O leque de atributos semânticos seleccionados por *saber de* é variado, podendo incluir não só complementos [+abstracto], mas também complementos com o atributo [+humano] e [+animado].

Contrastando com isto, as formas de *saber* sem preposição impõem maiores restrições à selecção do objecto directo. Deste modo, não se encontram, no *corpus* já referido, quaisquer ocorrências de nomes com o atributo [+humano] dentro da subcategorização de *saber* sem preposição. Refira-se, contudo, que as significações de *saber* e as de *saber de* podem coincidir em muitos contextos, sendo possível substituir um lexema pelo outro sem grande alteração de significado. Com efeito, podem produzir-se ocorrências em que, a existir contraste, este é mínimo, como se ilustra pela comparação de (6) com (7):

- (6) as ciganas eram conhecidas e sabiam o caso (Nascimento *et al.* 1987: 280)
 (7) as ciganas sabiam do caso

O confronto de (6) com (7), mostra a (quase) identidade de *saber* e *saber de*. No entanto, há outros nomes que envolvem um maior contraste entre as duas formas:

- (8) a. eu sei os nomes deles, melhores que eles (...) (Nascimento *et al.* 1987: 139)
 b. eu não sei os pecados (...) (Nascimento *et al.* 1987: 83)
 (9) a. eu sei dos nomes deles
 b. eu não sei dos pecados (cometidos por estes paroquianos)

O contraste entre as formas de (8) e (9) reside sobretudo no atributo de actividade ou capacidade em *saber*+SN, mais saliente do que em *saber de*. Em (8), *saber* significa não só possuir informação sobre alguma coisa, mas também remete para a capacidade de verbalizar essa coisa enquanto conteúdo de informação. Já em (9), a

⁷ A par destas ocorrências, outras há que constituem uma construção diferente, mas que parece ter alguma afinidade semântica com *saber de*. Trata-se da construção em que o PP, cujo núcleo é *de*, é complemento de um advérbio de quantidade (*muito, pouco, nada*). Este tipo de construção está relacionado com a semântica de certos complementos nominais, os quais normalmente pertencem à categoria de nomes massivos ou expressões plurais indefinidas (cf. Mateus *et alii* 1989: 59, 66 e 72-73), como nos seguintes exemplos:

- (i) (...) não sabemos nada de fruta (Nascimento *et al.* 1987: 197)
 (ii) (...) ela sabe muito de bolos (Nascimento *et al.* 1987: 211)

Em (i) e (ii), as formas de *saber* são interpretadas como “perceber”, “ter informação sobre alguma coisa”.

capacidade de enunciar a informação sobre alguma coisa está limitada a certos aspectos, isto é, dá-se a *nomes* e a *pecados* o estatuto de objectos por localizar ou eventos de que se pode dar notícia. Repare-se que (9)a. chega mesmo a resultar estranho, uma vez que *nomes* parece intrinsecamente desprovido da dimensão de evento ou de objecto. Haverá pois uma tendência para, em português contemporâneo, *saber de* ser incompatível com itens que correspondam a realidades susceptíveis de ser verbalizadas ou enunciáveis (como *nomes*).

Parece assim ficar demonstrado que, em português contemporâneo, *saber de* tem a sua individualidade não só perante *conhecer*, mas também perante *saber* sem preposição. O contraste com *conhecer* é estabelecido pela presença, em *saber de*, de um atributo [+enunciável] e pela ausência do atributo [+experenciado], contraste este que é compartilhado por *saber* sem preposição. Mas *saber de* também contrasta com *saber*, visto que o atributo [+enunciável], para *saber de*, se reporta não à natureza do seu complemento tomada globalmente, mas sim a certos aspectos do seu complemento, por exemplo, a sua localização espacial (p.ex.: *sabes da chave/do João?*) ou o seu devir (p.ex.: *tens sabido do João?*).

2. Categorização de *saber* em português antigo

A forma *saber de* está documentada em português antigo, mas detém um estatuto onomasiológico diferente daquele que lhe conhecemos em português contemporâneo. Há uma maior sobreposição entre *saber* e *saber de* quanto ao tipo de complementos seleccionados. Verifica-se também que as restrições de selecção de *saber* (PtgA) eram menos apertadas do que as de *saber* (PtgC). Por exemplo, *saber* (PtgA) podia seleccionar um nome com o atributo [+concreto], como no exemplo seguinte:⁸

- (10) *A donzella que bem cuidava que ja dormiam e que sabia o leito de Gallaaz* (c. 1300; Piel e Nunes 1988: 112)

Exemplos como (10) não são exclusivos do séc. XIV ou de um texto particular.⁹ Textos do séc. XV mostram o mesmo tipo de comportamento:

- (11) *Diogo Vazquez hera hom[] que sabia muy b[] aquella terra* (c. 1460; Brocardo 1997: 491)

⁸ Os exemplos (10) e (11) encontram ainda paralelo em português contemporâneo, só que em contextos muito específicos, de tipo idiomático, como *saber o caminho*.

⁹ O exemplo (10) pode levantar inúmeras questões quanto à sua linguagem, sabendo-se que é proveniente da *Demanda do Santo Graal*, uma tradução do francês que passou por cópias de diferentes fases de evolução linguística. Sobre a história da transmissão da *Demanda*, ver o prefácio de Ivo de Castro em Piel e Nunes 1988: ix-xxv.

O quadro 1 apresenta uma lista desse nomes com o atributo [+concreto] com base na sua distribuição num *corpus* de português antigo, constituído propositadamente para este estudo.

Quadro 1 – Nomes [+concreto] num *corpus* de português antigo

período	textos	nomes concretos
1300-1350	Piel and Nunes 1988	<i>cavalleiro, carreira, posto, terra, lugar, leito, ermida, homem</i>
	Cepeda 1982/89	<i>lugar, carreira</i>
1350-1450	Castro et al. 1982/83	<i>casa</i>
	Carstens-Grockenberger 1961	<i>persoa, sobejas despesas</i>
	Macchi 1975	<i>logar, cidade</i>
1450-1540	Lucas 1988	<i>caminhos e carreiras</i>
	King 1978	<i>passagem, terra, povoraçam, gente, lugar/lugares, entrada, humas aldeas, veredas, caminho, pedaço de muro</i>

Além disso, casos há de nomes abstractos seleccionados por *saber* (PtgA), para os quais se afigura mais adequado, em português contemporâneo, o uso de *saber de*. Tais nomes não constituem uma classe homogénea, pois esta abrange nomes que se referem a diferentes modos e graus de abstracção, indo da representação de acções e acontecimentos (*hida, vinda, movimentos, partida*) até a sentimentos, emoções, atitudes morais ou pensamentos.

A selecção de nomes concretos por *saber* (PtgA) é, de qualquer modo, mais problemática, uma vez que estes não parecem corresponder ao funcionamento predicativo que caracteriza os complementos de *saber* (PtgC). Segundo Valentim (1998: 117), o complemento de *saber* (PtgC) tem um funcionamento que permite a dissociação das suas propriedades relativamente à sua predicação de existência.¹⁰ É assim que se explica que os exemplos (12) e (13) sejam inaceitáveis, pois que a ocorrência de nomes concretos não é compatível com o funcionamento do complemento de *saber* (PtgC):

(12) *eu sei uma casa

(13) *eu sei o João

Com *saber* (PtgA) não parece suceder o mesmo, como os exemplos (14) e (15) indicam:

¹⁰ Sobre o funcionamento predicativo associado ao verbo *saber* em português contemporâneo, ver Valentim 1998: 117. Esta análise baseia-se na de Franckel e Lebaud (1990: 88, 94 e 218), sobre *savoir* em francês contemporâneo.

- (14) (...) *mandou a dous seos servidores que soubessem a casa onde o sancto bispo Nono pousava* (c. 1400; Castro et al. 1985: F77v, T3)
 (15) *E sse aconteece que tu sabes perssoa tanto ou mais autorizada que ty* (c. 1450; Carstens-Grockenberger 1961: 4)

Este uso parece idêntico ao que se verifica em castelhano antigo (CastA), para o qual se pode documentar a co-ocorrência do verbo *saber* e de um nome concreto [+humano], como mostra Serradilla Castaño (1997: 31):

- (16) *E de la XI casa sabras los fugituios e que sera d'ellos*

Serradilla Castaño (1997: 31) acrescenta que *saber* (CastA) pode ser identificado com *conocer* (CastA), principalmente quando se constrói com complementos concretos [+animado] ou [-animado].

Assim, a ocorrência de nomes [+concreto] com *saber* (PtgA) talvez possa ter ser explicada por duas hipóteses: a) as restrições de *saber* (PtgA) eram mais flexíveis; b) o funcionamento predicativo dos nomes estava mais generalizado em português antigo do que em português contemporâneo. Sem querer por agora optar por uma das hipóteses, deve-se sublinhar que é necessário articulá-las com o problema da estrutura semasiológica do verbo em questão. Observe-se que tanto *saber* (PtgA) como *saber* (PtgC) correspondem ao conhecimento daquilo que se poderá aqui designar por enunciável ou verbalizável. No entanto, *saber* (PtgA), ao contrário de *saber* (PtgC), parece não impor grandes restrições sobre o seu complemento, uma vez que pode incidir apenas sobre aquilo que é susceptível de ser enunciado a respeito de nomes [+concreto], isto é, algumas propriedades desse complemento. Tais propriedades poderiam ser, como (14) e (15) indicam, a existência ou a localização espacial do objecto ou entidade que é complemento de *saber* (PtgA).

É neste contexto que talvez se entenda melhor o desenvolvimento de *saber de*. O *corpus* que apoia este trabalho mostra que *saber de* era usado, tal como *saber*, com nomes [+concreto]. É de notar, porém, que a forma com regência tem uma frequência muito baixa. Assim, apenas se registam ocorrências de *saber de* nos textos indicados pelo quadro 2.

Quadro 2

Período	Textos	<i>Saber de</i>	<i>Saber</i>
1300-1350	Cepeda 1982/89	3	13
1350-1450	Marques e Dias 1990	2	0
	Carstens-Grockenberger 1961	1	4/6
1450-1540	Lucas 1988	4	3/4
	Brocardo	4	0
	King 1978	1	0

Os dados são talvez escassos para poderem definir tendências de evolução. O que é, porém, de reter é que *saber de* ocorria com complementos do mesmo tipo semântico que os de *saber*. O grau de coincidência estrutural e colocacional entre *saber* e *saber de* afigura-se, pois, maior em português antigo do que em português contemporâneo. Poder-se-á então falar de sinonímia a respeito destas duas formas durante o período medieval?

3. Sinonímia e transitividade

É preciso perceber como era possível não haver um claro contraste entre a forma preposicionada e a forma não preposicionada. Esta hipótese liga-se à discussão da transitividade, uma vez que tem que ver com a falta de contraste (ou com a existência de um contraste mínimo) entre um objecto directo e um complemento oblíquo regido por uma preposição. O uso preposicional pode corresponder a uma escala de dessemantização das preposições (Serradilla Castaño 1997: 295).

Serradilla Castaño (1996, s.v. *saber* e 1997:291-309) mostra que, em castelhano antigo (CastA), o uso de preposição com verbos de entendimento e linguagem faz parte das construções transitivas, mas observa que as preposições podem ter diferentes graus de transitividade. Assim, a preposição *a*, em associação com um desses verbos, forma um complexo com alta transitividade, a qual é concomitante da baixa ou nula interferência semântica dessa preposição; em contrapartida, as preposições *sobre* e *contra* impedirão a transitividade ou estabelecerão um baixo grau desta propriedade, dada a sua larga interferência semântica.

Trata-se, assim, de saber se a presença da preposição introduzia alguma modulação específica no uso de *saber* (PtgA). A resposta não pode totalmente negativa, uma vez que, caso contrário, seria muito difícil encontrar motivação para o desenvolvimento de *saber de* dentro da estrutura polissémica de *saber*. Apesar disso, no caso de *saber* (CastA), Serradilla Castaño (1996, s.v. *saber*) considera negligenciável a contribuição semântica das preposições *de* e *en*. Observa ainda que *de* não impede a transitividade de *saber*, argumentando que o valor partitivo de alguns exemplos se encontrar muito atenuado (*idem*).

A tese da baixa interferência da preposição em *saber de* (PtgA) encontra ainda apoio em propostas de análise da linguística cognitiva. Langacker (1991: 357), por exemplo, considera que a expressão constituída por verbo+preposição pode ser categorizada como um verbo transitivo complexo, semelhante a uma expressão convencional como, por exemplo, *take advantage of*.

De qualquer modo, parece que é possível falar, a propósito de *saber de* (PtgA), de um valor partitivo que estaria presente na construção, mesmo de modo muito atenuado. É sabido que, em latim, a construção correspondente, *scio* + acusativo, tinha em alternativa outras, entre as quais, as construções de ablativo regido de *de* (cf. OLD e Lewis e Short 1879, s.v. *scio*). A história de *de*, por sua vez está também ligada à vacilação do uso de genitivo e de *de*+ablativo com verbos com o

significado genérico de “recordar” entre outros (Serradilla Castaño 1997: 78). Nas línguas românicas, essa vacilação está por sua vez ligada à convergência dos casos genitivo e ablativo (Serradilla Castaño 1997: 79). López 1972 (*apud* Serradilla Castaño 1997: 80) mostra ainda que a *de* se associavam os valores de genitivo partitivo, matéria, instrumental, matéria do discurso, matéria na qual se aplica a acção de alguns verbos, bem como o regime dos verbos de ‘afecto’, entre outros. É justamente no número de valores associados a *de* que Serradilla Castaño (*idem*) vê a motivação para o esvaziamento de conteúdo desta preposição.

No entanto, é provável que o valor partitivo não fosse exclusivo da preposição, encontrando-se também implícito na forma sem preposição, desde as suas origens. O uso de advérbios como *muito*, *pouco* e *nada* com *saber* (PtgA) e *saber* (PtgC) indica que a posse de informação sobre determinada entidade (construída como enunciável) pode ser quantificada. Quer dizer que, tanto na Idade Média como nos dias de hoje, *saber* qualquer coisa é ter uma certa quantidade de informação (total ou parcial) sobre essa coisa. Quer isto também dizer que uma possível distribuição livre de *saber* e *saber de* em português antigo se devia não à dessemantização da preposição em *saber de* (PtgA), mas sim à circunstância de ambas formas possuírem valor partitivo. Assim, a preposição de *saber de* (PtgA) contribuiria antes para o reforço do valor partitivo.

4. Conclusão: proposta explicativa de evolução

Neste estudo, terá ficado demonstrada a necessidade de inserir o desenvolvimento de *saber de* no quadro da diacronia de *saber*. Tal implicará certamente que se examine não só a evolução da estrutura semasiológica de *saber*, mas também as modificações no seu estatuto onomasiológico, isto é, relativamente ao do campo lexical que representa a noção de conhecimento. Por isso, será conveniente não perder de vista a distribuição de outros itens lexicais como *conhecer* ao longo da história do português. Será necessário ainda ter em conta que as relações lexicais não definem um mosaico de unidades lexicais opositivas e sem sobreposições, como propunha inicialmente Trier (1931);¹¹ constituem antes um rede onde são frequentes os entrecruzamentos, em termos quer de sinonímia quer de níveis de categorização.¹²

É de realçar que a possibilidade da sinonímia é tão importante como a possibilidade de contraste dentro de um campo semântico, uma vez que poderá ser interpretada como consequência da natureza prototípica das categorias linguísticas.

¹¹ A noção de um campo lexical como um mosaico ainda transparece em propostas da lexicografia (ver Coseriu 1981 e 1990). Para uma crítica desta noção, veja-se Geeraerts 1997, Lehrer 1974, 1985 e 1993 e Taylor 1995.

¹² Pode-se assumir que as relações hierárquicas são definidas por um arquisemema (para adoptar uma perspectiva estruturalista; ver Picoche 1992: 108) ou através de um item lexical de carácter geral ou de um conceito geral (sobre níveis de categorização, ver Ungerer e Schmid 1996: 66-98)

Por outras palavras, os lexemas parecem contrastar a nível de um nível semântico relativamente estável, mas poderão eventualmente assemelhar-se a outros itens ao nível das suas leituras mias periféricas.¹³

Caberia ainda abordar o estatuto da sinonímia numa perspectiva diacrónica. A análise que Clark (1992) faz dos princípios de contraste e convencionalidade assume particular pertinência para a explicação de aspectos de semasiologia e onomasiologia diacrónicas.¹⁴ Assim, a provável relação de sinonímia entre *saber de* (PtgA) e *saber* (PtgA) poderia ser encarada como uma situação intrinsecamente transitória, perante a qual os falantes sentiriam a necessidade de uma resolução, com tendência a uma diferenciação (contraste) ou no sentido do desuso de um dos termos sinónimos.¹⁵

Referências

1. *Corpus de português antigo (textos referidos)*

- Brocardo, M. T., 1997. *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara*, tese de doutoramento, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
- Carstens-Grockenberger, D. 1961. *Buch von den drei Tugenden* [Livro das três virtudes], Münster Westfalen: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung
- Castro, I. et al. 1982-1983, 1984-1985. "Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense", *Revista Lusitana*, Nova Série, 4, 5, 5-52, 43-71
- Cepeda, I. V. 1982/1989. *Vida e Paixões dos Apóstolos: ms. alcobacense 280 da B.N. de Lisboa confrontado com a edição de Lisboa, 1505/ Bernardo de Brihuega*, Lisboa: Instituto de Investigação Científica – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
- King, L. 1978. *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses / Gomes Eanes de Zurara*, Lisboa: Universidade Nova
- Lucas, C. A. 1988, *Ho Flos Sanctorum em lingoagê: Os santos extravagantes*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica
- Macchi, G. 1975. *Crónica de D. Fernando / Fernão Lopes*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda
- Marques, H. O. e Dias, J. J. A. 1990. *Cortes Portuguesas – Reinado de D. Fernando I (1367-1383)*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda
- Piel, J.-M. e Nunes, I. F. 1988, *A Demanda do Santo Graal*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda

¹³ Sobre o carácter prototípico da estrutura semasiológica dos lexemas, ver Geeraerts 1997 e Silva 1999.

¹⁴ O princípio de convencionalidade permite a intercompreensão, garantindo a estabilidade da significação dos termos e restringindo a inovação semântica e lexical a um mínimo indispensável. O princípio de contraste poderá determinar que as formas diferentes correspondam significações diferentes, embora permita que uma mesma forma possua dois ou mais significados (Clark 1992: 173).

¹⁵ A sinonímia já era vista como uma situação transitória por Bréal (1897: 30, *apud* Clark 1992: 176-177).

2. Outras referências

- Bréal, M. 1897. *Essai de Sémantique*, Paris: Hachette
- Clark, E. 1992. "Conventionality and Contrast: Pragmatic Principles with Lexical Consequences", in Lehrer and Kittay. (eds.) 1992: 172-188
- Coseriu, E. 1981. *Principios de Semántica Estructural*, Madrid: Gredos
- 1990. "Semántica estructural y semántica 'cognitiva'", in Manuel Alvar et al. (eds.), *Profesor Francisco Marsá: Jornadas de Filología*, Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona, 239-282
- Figueiredo, C. 15ª ed. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa: Bertrand
- Franckel, J. J. and Lebaud, D. 1990. *Les Figures du Sujet. A propos des verbes de perception, sentiment, connaissance*, Paris: Ophrys
- Geeraerts, D. 1997. *Diachronic Prototype Semantics. A Contribution to Historical Lexicology*, Oxford: Clarendon Press
- Langacker, R. W. 1991. *Foundations of Cognitive Grammar*, vol. II, *Descriptive Application*, Stanford, Cal.: Stanford University Press
- Lehrer, A. 1974. *Semantic Fields and Lexical Structure*, Amsterdam, London: North-Holland Publishing Company
- and Kittay, E. F. (eds.) 1992. *Frames, Fields and Contrasts*, Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates
- Lewis, C. T. and Short, C. 1879, *A Latin Dictionary*, Oxford: Clarendon Press
- López, M. L. 1972. *Problemas y métodos en el análisis de las preposiciones*, Madrid: Gredos
- Nascimento, M. F. B., Marques, M. L. G. e Cruz, M. L. S. 1987. *Português Fundamental. Vol II. Métodos e Documentos. Tomo I. Inquérito de Frequência*, Lisboa: Instituto de Investigação Científica/ Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
- OLD – *Oxford Latin Dictionary*, Oxford: Clarendon Press, 1968
- Picoche, J. 1992. *Précis de Lexicologie Française. l'Etude et l'Enseignement du Vocabulaire*, Paris: Nathan
- Serradilla Castaño, A. M. 1997. *El régimen de los verbos de entendimiento y lengua en español medieval*, Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid
- 1996. *Diccionario Sintáctico del Español Medieval. Verbos de Entendimiento y Lengua*, Madrid: Editorial Gredos
- Silva, António de Moraes (1949-59), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10ª ed., Lisboa: Editorial Confluência
- Silva, A. S. 1999. *A Semântica de 'Deixar'. Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia
- Taylor, J. 1995. *Linguistic Categorization. Prototypes in Linguistic Theory*, Oxford: Clarendon Press
- Trier, J. 1931. *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes. Die Geschichte eines sprachlichen Feldes I: Von den Anfängen bis zum Beginn des 13. Jahrhunderts*, Winter. Heidelberg
- Ungerer, F. e Schmid, H.-J. Schmid. 1996. *An Introduction to Cognitive Linguistics*, Londres e Nova Iorque: Longman
- Valentim, M. H. T. 1997. *Existência e Operações de Predicação*, Lisboa: Colibri
- Vilela, M. 1994. *Tradução e Análise Contrastiva: Teoria e Aplicação*, Lisboa: Caminho
- 1991, *Dicionário do Português Básico*, Porto: Edições Asa